



Público

19-11-2019

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 31885

Temática: Justiça

Dimensão: 1277 cm²

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/16

Suspeito do roubo das Glock tenta implicar cúpula da PSP

Principal arguido é polícia e nas horas vagas exerceria segurança privada ilegal **p16**

16 • Público • Terça-feira, 19 de Novembro de 2019

SOCIEDADE

Suspeito do roubo das pistolas da PSP tenta implicar direcção da polícia

Só oito das 55 armas Glock desaparecidas da Direcção Nacional da PSP foram encontradas. Principal arguido também é suspeito de exercer segurança privada ilegal nas horas vagas

Justiça
 Ana Henriques

O polícia acusado pelo Ministério Público de ter roubado 55 pistolas Glock a esta corporação, Luís Gaiba, implicou a Direcção Nacional da PSP neste tipo de prática criminosa. Porém, e por estranho que possa parecer, nunca foi interrogado sobre que indícios o levaram a tentar incriminar os mais altos responsáveis daquela polícia.

Segundo a acusação, que imputa a este arguido os crimes de associação criminosa, tráfico de armas e branqueamento de capitais, ao longo de cerca de um ano, entre o final de 2015 e Janeiro de 2017, Luís Gaiba, que era responsável pelo armeiro situado na sede da Direcção Nacional da PSP, em Lisboa, foi subtraindo a pouco e pouco os estojos em que estavam guardadas as 55 pistolas, juntamente com os respectivos livros de instruções. Objectivo: vendê-las para ganhar dinheiro. Embora cada uma não tivesse custado à polícia mais de 385 euros, no mercado negro esse valor podia sextuplicar.

A favor desta tese, o Ministério Público tem o facto de Luís Gaiba ser amigo há vários anos de um traficante de armas e droga implicado no roubo do material de guerra de Tanços, António Laranginha. Ao longo de 2016, foram dezenas as conversas dos dois ao telemóvel, muitas vezes em linguagem cifrada ou pouco clara. Ainda de acordo com a acusação, uma das pessoas através das quais as Glock foram escoadas foi João Paulino, o cérebro do assalto a Tanços. Porém, as pistolas – que tinham uma inscrição a dizer “Forças de Segurança” – não foram encontradas na posse de nenhum destes três arguidos.

O paradeiro da sua esmagadora maioria continua, de resto, desconhecido. As oito armas já encontradas estavam na posse de traficantes de estupefacientes aparentemente sem ligação a Luís Gaiba – muito embora numa arrecadação de um irmão de Laranginha tenha sido encontrado o estojo de uma das Glock furtadas. Por outro lado, ape-



A Direcção Nacional da PSP recusou pronunciar-se sobre as suspeitas levantadas pelo agente arguido

sar de estar encarregue do armeiro, este não era o único polícia com acesso a ele.

A aguardar julgamento em prisão preventiva desde o final de 2018, o polícia suspeito de roubar as armas incriminou os seus superiores hierárquicos em conversas telefónicas que teve com um ex-técnico do Instituto Nacional de Emergência Médica (INEM) seu amigo um ano antes de ser preso. São várias as referências que faz à Direcção Nacional da

“O teu processo poderá dar direito, inclusive, a que António Costa peça a demissão, porque está muita gente metida em termos de chefias”, disse a Luís Gaiba um amigo

PSP. “Estamos a mexer com gente muito grande”, diz numa dessas conversas. Quando o amigo admite suspeitar de que o anterior director nacional da polícia sabia do que se andava a passar, Luís Gaiba responde-lhe “Todos eles sabiam”. A certa altura, o polícia diz arrependido de ter ido trabalhar para “aquele ninho de cobras” onde a máfia se instalou. “O teu processo poderá dar direito, inclusive, a que António Costa peça a demissão, porque está muita gente metida em termos de chefias”, observa o seu interlocutor. O facto de esta investigação não ter sido entregue à Polícia Judiciária, mas à divisão de investigação criminal da própria PSP, é motivo de crítica.

“Estão todos metidos”

Quando o interlocutor lhe diz que o director nacional da PSP lavou as mãos do assunto por entender nada ter a ver com isso, o principal suspeito do roubo das armas reage: “Ah, mas tem, desde o início que tem! (...) Estão todos metidos, olha lá (...). Eles todos, todos papam.” E falam

de um desaparecimento de armas automáticas do Comando Metropolitano de Lisboa da PSP que nunca foi tornado público, cujas munições foram mais tarde usadas num assalto na Amadora. O antigo técnico do INEM acaba por confidenciar a Gaiba que existe uma investigação paralela e confidencial sobre o desaparecimento das Glock.

Nem o polícia nem o seu interlocutor foram questionados sobre o teor destas conversas nos interrogatórios judiciais a que foram submetidos. O primeiro ainda aflorou o assunto no primeiro interrogatório: “Há coisas que se passam por trás”, nos bastidores da PSP. Mas quando a juíza de instrução criminal lhe pediu nomes e detalhes, não lhos forneceu.

Confrontado com algumas despesas que fez e que não lhe saíram do salário de polícia – um Audi de 7500 euros pago a pronto, em dinheiro, mas também alguns electrodomésticos, um sofá e uma viagem à Madeira –, Luís Gaiba alegou que ganhava bem nas acções de formação que

dava. Porém, o Ministério Público descobriu que estas formações, quase sempre viradas para a protecção pessoal e para a protecção civil em situações de catástrofe, e em várias das quais ensinava os formandos a usar armas de fogo, configuram o exercício ilegal de segurança privada. Por essa razão, foi extraída uma certidão do processo das Glock para investigar a prática deste crime pelo agente da PSP.

Trata-se de actividades desenvolvidas através de organizações que, apesar de compostas maioritariamente por pessoal português, têm sede na Suíça. O suposto líder de duas delas, a World Bodyguards Association e a International Security Organization, aparece no site da primeira organização com o nome de Nick Bas Santer e no da segunda com uma identidade diferente, Nikolaus Fokianos, nome de um antigo nadador grego de alta competição. Numa nota de rodapé numa das páginas do primeiro site, o próprio admite que “Bas Santer” é um pseudónimo que usa por questões de segurança.

Existem fortes indícios de que Luís Gaiba, que é acusado de ter chegado a meter baixa para dar formação, chegou a fazer biscates como guarda-costas. “Tudo o que ele fez a esse nível estava devidamente autorizado”, garante o seu advogado, Santos Oliveira, para quem a gravidade dos crimes imputados ao seu cliente “impunha que a investigação trouxesse mais factos” à luz do dia, em vez de conjecturas. Nomeadamente no que diz respeito à identificação exacta do período em que desapareceram as armas, uma vez que o longo lapso de tempo apontado pelo Ministério Público “pode implicar outros responsáveis da PSP, mesmo que isso não seja justo”.

Questionada pelo PÚBLICO, a Direcção Nacional da PSP limitou-se a dizer que não faz comentários sobre investigações em curso nem sobre processos em segredo de justiça, não confirmando a existência de qualquer outra investigação sobre este caso.

ana.henriques@publico.pt